



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

APARECIDA LIMA SANTANA ANDRADE

**ESTRANHOS, CRUÉIS, MAQUIAVÉLICOS: UM ESTUDO
COMPARATISTA DE VILÕES SHAKESPEARIANOS**

**GUARABIRA – PB
2014**

APARECIDA LIMA SANTANA ANDRADE

**ESTRANHOS, CRUÉIS, MAQUIAVÉLICOS: UM ESTUDO
COMPARATISTA DE VILÕES SHAKESPEARIANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A554e Andrade, Aparecida Lima Santana
Estranhos, cruéis, Maquiavélicos: um estudo comparatista de vilões Shakespearianos [manuscrito] : / Aparecida Lima Santana Andrade. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Sueli Meira Liebig, Departamento de Letras".

1. Literatura inglesa. 2. Vilão 3. Teatro Shakespeariano. I.
Título.

21. ed. CDD 820

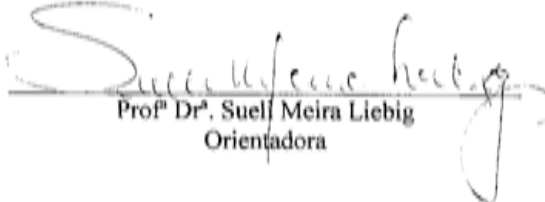
APARECIDA LIMA SANTANA ANDRADE

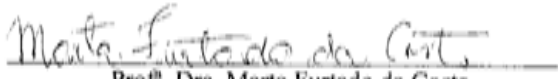
**ESTRANHOS, CRUÉIS, MAQUIAVÉLICOS: UM ESTUDO
COMPARATISTA DE VILÕES SHAKESPEARIANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sueli Meira Liebig

Aprovada em 05/11/2014.


Prof^ª Dr^ª. Sueli Meira Liebig
Orientadora


Prof^ª. Dra. Marta Furtado da Costa
Examinador


Prof^ª. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade
Examinador

*Quando os vilões ricos precisam dos vilões pobres,
estes podem impor o preço que quiserem*

*A minha consciência tem milhares de vozes, / E cada
voz traz-me milhares de histórias, / E de cada história
sou o vilão condenado.*

(William Shakespeare)

ESTRANHOS, CRUÉIS, MAQUIAVÉLICOS: UM ESTUDO COMPARATISTA DE VILÕES SHAKESPEARIANOS

Aparecida Lima Santana Andrade¹
(a-lima-andrade@uol.com.br)

RESUMO

Este trabalho busca fazer uma análise comparatista entre as obras *King Lear*, *Macbeth*, *Titus Andronicus*, *Othello* e *Richard III* do dramaturgo inglês William Shakespeare, levando em consideração os vilões de cada obra e como é o comportamento deles nessas peças. Os antagonistas: Edmund, Lady Macbeth, Aarão, Iago e Ricardo, são dotados de sentimentos perversos como inveja, ira, vingança e cobiça levando os mesmos a cometerem as mais altas atrocidades contra os protagonistas e heróis dessas tramas. O teatro shakespeariano sempre surpreendeu e ainda surpreende a todos por tratar de temas universais os quais ainda são considerados atuais. Seus vilões são dotados de características e comportamentos únicos capazes de despertar os mais diversos sentimentos sobre diferentes temas abordados nas peças do dramaturgo. Para este trabalho serão adotados como referenciais teóricos Nietzsche (2005); Polidório (2011); Ludwig (2012); Heliadora (2009), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare. Vilão. Teatro Shakespeariano.

ABSTRACT

This work aims at making a comparative analysis between the works *King Lear*, *Macbeth*, *Titus Andronicus*, *Othello* and *Richard III* by the English playwright William Shakespeare, taking into consideration the villains of each work and how are their conducts in these plays. The antagonists: Edmund, Lady Macbeth, Aaron, Iago and Richard, are endowed with evil feelings like jealousy, anger, revenge and greed, leading them to commit atrocities against the protagonists and heroes of these plots. The Shakespearean theater always surprised and still surprises everyone by treating universal themes which are still considered current. His villains are endowed with unique characteristics and behaviors that arouse various feelings about different topics covered in the plays of the playwright. This study will use as theoretical frameworks: Nietzsche (2005); Polidório (2011); Ludwig (2012); Heliadora (2009), among others.

KEYWORDS: Shakespeare. Villain. Shakespearean theater

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Em uma obra literária a presença de um antagonista é essencial para as histórias ganharem as emoções necessárias para fazer com que os leitores adquiram maior interesse e se prendam mais à leitura. Os vilões adquirem características geralmente repudiadas pela sociedade e no decorrer da narrativa começam a abordar os mais variados temas. Para Ludwig, (2012, p. 24) “as personagens tipificadas baseiam-se numa visão maniqueísta e incorporam traços físicos capazes de ressaltar valores morais, comportamentos e linguagens [...]”. Sendo assim, cada personagem em uma obra é utilizado com a finalidade de expor algum caráter social e/ou moral de forma correta ou não. No caso dos vilões, as obras literárias denotam formas errôneas de se viver e corrompem de certa forma, alguns desses preceitos morais.

A maldade humana é a base para que se tenha um vilão. Esses personagens encarnam características que todo ser humano possui, entretanto, por questões de ética e convívio social, poucos são capazes de fazê-la. A justificativa desses atos é a busca pela autêntica verdade que todo ser humano procura (NIETZSCHE, 2005).

O teatro shakespeariano possui, em vários sentidos, abordagens de vilões com determinado tipo de comportamento que está entrelaçado ao meio social. Os vilões das peças de Shakespeare são personagens dotados de singularidades e características que tornam a leitura agradável e ao mesmo tempo cheia de expectativas para os próximos acontecimentos. Nas peças *Titus Andronicus* (1584), *Macbeth* (1623), *Richard III* (1592), *Othelo* (1603) e *King Lear* (1605), os antagonistas se destacam pela maldade que praticam. Cada um possui uma espécie de iniquidade que ao longo das peças vai se destacando e levando o leitor a criar cada vez mais repúdio por eles.

Em *Othelo* “Iago é o vilão que gostava de usar as pessoas” (POLIDÓRIO, 2011, p.461). Todos o consideram uma pessoa honesta, até mesmo o protagonista, que mais tarde é quem vem a sofrer mais pelas suas maldades, acredita que Iago é o seu melhor amigo e uma pessoa digna de confiança e de respeito por todos. O vilão usa de suas artimanhas e, sobretudo se aproveita da inocência de Othelo para armar suas ciladas e conseguir aquilo que quer.

Na peça *Macbeth*, temos como destaque a insana Lady Macbeth, esposa do protagonista da obra. A personagem se utiliza de seus métodos cheios de cinismo para

convencer seu esposo a matar o Rei Duncan, assim ambos se tornam rei e rainha da Escócia. Depois vem o sentimento de culpa e a vilã acaba cometendo um aparente suicídio.

Richard III é a figura clara de um ser humano sem nenhum caráter que está disposto a cometer as mais terríveis arbitrariedades até mesmo com a própria família. O tirânico personagem ordena a execução de seu próprio irmão e o assassinato de duas crianças inocentes por seres consideradas “obstáculos” em seus planos ambiciosos. Para muitos esse é considerado o pior vilão dentre as peças de Shakespeare.

O anti-herói Aarão, da peça *Titus Andronicus*, é o pivô de todos os crimes hediondos que fazem desta a mais sangrenta tragédia do dramaturgo inglês, ao passo que o sórdido Edmund, de *King Lear*, leva o próprio pai ao abandono, à miséria e à destruição em nome da inveja e da cobiça.

2 O TEATRO SHAKESPEARIANO

O poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616) publicou durante sua vida muitas peças e sonetos conhecidos mundialmente. Apesar da época, os temas tratados pelo escritor em suas obras continuam sendo atuais e ainda muito adaptados para filmes, seriados e telenovelas da TV mundial.

Sabemos que a literatura é menos popular do que a televisão e ou o cinema, mas tem uma força absolutamente indiscutível sobre a cultura. Muitos dos mais famosos filmes e novelas são baseados em livros, contos ou qualquer outra obra escrita. Sendo a literatura o berço da cultura contemporânea, ela está repleta de vilões marcantes. Um dos maiores autores da língua inglesa, William Shakespeare, possui uma repleta lista de obras teatrais que, até os dias atuais, encantam e ganham versões no cinema, televisão, em outros livros, etc. Sua presença é marcante até mesmo nos nossos ditados. Quando alguém cita a famosa frase “há mais coisas entre o céu e a terra do que possa imaginar a nossa vã filosofia”, sem saber está se referindo a uma fala de *Hamlet*, peça na qual um príncipe procura descobrir a verdade sobre a misteriosa morte de seu pai, o rei da Dinamarca.

A produção literária de William Shakespeare é cercada de incertezas. O início de sua carreira não possui muitas referências. Em 1592 ele já era bastante conhecido em Londres como ator e escritor. Das inúmeras obras que deixou, merece grande destaque a sua produção teatral tendo como ponto alto as suas tragédias. A expansão de suas obras foi muito grande ao ponto de torná-lo em um dos maiores escritores do planeta. Os temas dramáticos de suas

peças são trabalhados até os dias atuais e servem de inspiração para o cinema, a teledramaturgia e também para outros escritores, mostrando assim o quanto o dramaturgo é amplamente global.

Como características fundamentais das obras shakespearianas temos a comédia e tragédia, que em algumas de suas peças aparecem unidas no que chamamos de tragicomédias. O autor também costuma colocar foco em personagens secundárias e criar uma espécie de subenredo dentro do enredo já existente o que serve para tornar a história mais interessante e atraente para o espectador.

De acordo com Heliadora:

A vida profissional de William Shakespeare é amplamente documentada, e se o teatro foi a forma ótima para a expressão de seu talento, é para o mundo de sua arte, seu palco, seus atores, sua dramaturgia que temos de nos voltar para compreendê-lo e à sua obra. (HELIODORA, 2009, p. 07)

Para a autora, o teatro shakespeariano é dotado de uma singularidade onde devemos nos adentrar cada vez mais profundamente para conseguirmos compreender o autor, ou seja, é necessário conhecer a obra do dramaturgo para podermos compreender melhor sua vida.

Para Bradley (2005, p. 1) “Não podemos chegar a toda forma dramática de Shakespeare de olhar o mundo a partir de suas tragédias sozinho apenas a partir das suas tragédias [...]”, ou seja, é praticamente impossível determinarmos os pensamentos de William Shakespeare levando em consideração apenas as obras dele em si. Enfim, necessitamos ir, além disso, e procurar contextualizar sua vida com suas obras.

3 OS VILÕES NA LITERATURA

O emprego da figura do vilão na literatura é muito mais antigo do que pensamos. O primeiro poema épico escrito em língua inglesa, *Beowulf*, já mostrava o temor dos habitantes da Inglaterra a um *troll* extremamente cruel que devorava homens, mulheres e crianças num distante reino dinamarquês. O herói, Beowulf, parte então da Suécia na busca de eliminar a criatura. Esse talvez seja um dos primeiros registros da eterna luta entre o bem e o mal na literatura mundial. Com o passar dos tempos, a literatura foi ganhando força. Na ficção, de um modo geral, encontramos sempre a figura de um personagem que se destaca pelo seu bom

comportamento e por sempre estar à procura de realizar o bem. A esse personagem costumamos chamar de “o mocinho da história”. Também é bastante comum a presença de algo ou alguém destinado a atrapalhar o protagonista e ir contra os bons modos, de preferência gostar de praticar o mal. A este tipo nomeamos “vilão”. O vilão é muito importante para o desenvolvimento de uma ação dramática. O antagonista é responsável por toda a perseguição e tentativas de fazer os planos do herói dar errado, como afirma Ludwig:

O vilão evidencia-se como antagonista que acaba conduzindo a ação em grande número de obras. A perseguição da vítima inocente, movida por ele, desencadeia o conflito que sustenta o desenrolar da ação dramática. Ele é o responsável por consolidar os obstáculos desencadeadores do conflito a ser superado, ou não, pelo protagonista. Nesse embate, pode-se constatar uma polarização – o choque entre duas forças, o bem e o mal, representadas pelas personagens. (LUDWIG, 2012, p. 25)

Como vimos, existem muitas atribuições importantes a um vilão. Sem ele, praticamente não haveria o desenrolar de uma história. Também percebemos que a dualidade entre as forças do bem e do mal é o maior embate que está presente nas histórias em que ambos lutam pelos seus objetivos.

Há muitas facetas às quais esse tipo de personagem pode ser submetido na ficção: o gênio mau da família, que busca se alimentar da vingança por algo acontecido; o personagem que contém um segredo que pode acabar com o herói da história ou ainda o vilão que se finge de amigo do protagonista levando o mesmo a crer está seguro o tempo todo e no momento propício mostra sua verdadeira face. Em todos os casos o desfecho, na maioria das vezes é o mesmo: o mocinho sempre vence e os vilões acabam sofrendo cruéis castigos ou até mesmo falecendo de maneira trágica. Em alguns casos, o antagonista passa a viver do modo que mais detesta, mostrando que quem opta pelo caminho da maldade não conseguirá obter êxito em seus objetivos.

Dentre os objetivos mais comuns para a prática dos atos de um vilão o principal é a causa amorosa. Geralmente, o mocinho tem tendência a se apaixonar pela mesma pessoa que o antagonista, o que causa a revolta do mesmo, uma vez que a heroína costuma querer ficar com o herói.

Além das causas amorosas também é possível destacarmos outros motivos que levam os personagens a cometerem os delitos nas peças de Shakespeare: a vingança por um

acontecimento que deixou alguém perturbado e com sentimentos de maldade no coração; a cobiça por algo desejável ao longo de uma trama; ou simplesmente a facilidade que muitos têm de apenas “serem pessoas más”. Tudo isso constitui um extraordinário conjunto de fatores que teoricamente levariam pessoas a cometerem crimes, desordens, quebra de conduta social e outros atos em um drama.

Existem vários motivos que levam alguém a querer cometer atos de maldade. As virtudes do ser humano sempre serão confrontadas com os sentimentos contrários. A crueldade que domina algumas pessoas pode ser entendida como a não aceitação de preceitos pré-estabelecidos por fatores sociais.

O que a religião prega é o amor ao próximo. Para Nietzsche, existe uma verdadeira malícia no homem, tal maldade serve de conforto para o mesmo, como observamos no trecho:

Julgar e condenar moralmente é a vingança preferida das almas limitadas sobre aquelas que são menos que elas, uma espécie de indenização por tudo aquilo que obtiveram de menos da natureza, eis uma ocasião para mostrar espírito e tornar-se refinado — a malícia espiritualiza o homem. No fundo de seus corações gostariam que existisse uma medida, diante da qual também os homens ricos e privilegiados sejam seus iguais, combatem pela *igualdade de todos diante de Deus* e apenas por isso são constringidos a crer em Deus. (NIETZSCHE, 2005, p. 142-143)

Ninguém opta por ser mau. A maldade é algo relativo aos olhos de quem a vê. Um vilão produz seus atos acreditando ser o melhor para si próprio ou para as pessoas que ama sem levar em consideração “os observadores”, ou seja, as pessoas que reprovam suas ações em um primeiro momento não significam nada para o autor de um crime, por exemplo.

Todos, ou pelo menos a grande maioria, temem a Deus. Apenas o criador tem o poder de acabar com todos os planos de alguém e perante Ele todos são iguais. Então, um vilão pode ter conhecimento que seus atos são errados e que será punido por causa disso, entretanto a sensação de que essa punição poderá apenas ocorrer em um plano espiritual depois da morte, deixa-o com mais “liberdade” em cometer seus delitos. A retidão pode ser a causa da malignidade humana, é o que diz Nietzsche:

A retidão, supondo-se que essa seja a *nossa* virtude, da qual não podemos nos livrar, nós, espíritos livres, e então queremos trabalhar em torno dela

com toda a nossa malignidade com todo nosso amor, sem deixar de nos *aperfeiçoar nesta nossa* virtude, a única que nos restou, ainda que seu esplendor venha a iluminar um dia, como auréola crepuscular dourada, acicatante e motejadora, esta civilização envelhecida com sua pesada e tétrica gravidade. (*Idem*, p. 151)

Para o autor a retidão também pode ser considerada uma virtude, ou seja, o ser humano pode encontrar na maldade o caminho para a bondade e transformar seus maus sentimentos em virtudes.

Na literatura os personagens principais acabam ganhando mais destaque quando o enredo é pautado em uma série de eventos que envolvem a luta contra um mal, um empecilho ou outro problema que surge. O mocinho tem o papel de ser o encarregado de desvendar ou de se livrar desses problemas. O vilão é o causador de tudo isso. Então, é mais fácil o leitor querer “torcer contra o vilão” no decorrer da história.

Algumas surpresas podem ocorrer ao longo do enredo, como a troca repentina de personalidade dos protagonistas, ou seja, o vilão pode vir a se tornar um mocinho ou vice-versa. Nesses casos ocorre uma desconstrução e uma quebra de expectativas por parte dos leitores. Para Ludwig (2012, p. 28) “a maior parte das personagens-tipo acabam por ter seu comportamento enriquecido e diversificado [...]”. Ou seja, estas mudanças que os autores muitas vezes colocam em suas obras literárias acabam trazendo benefícios, uma vez que há uma descaracterização dos conceitos de vilão e mocinho, mostrando que qualquer personagem pode possuir um lado bom e/ou um lado mal e não necessariamente deve conter estereótipos que caracterizam peculiaridades dos mesmos.

Nessas dualidades “bem X mal”, “vilão X mocinho”, “herói X anti-herói”, entre outras, podemos destacar a importância de em uma obra sempre termos esses dois polos, assim o leitor é capaz de se posicionar e apresentar suas opiniões e especular a respeito dos fatores que levam alguém a cometer tais delitos.

Nas peças teatrais os vilões se mostram “bem definidos” como provocadores das situações em que o protagonista terá de se submeter para conseguir atingir os seus objetivos. Os vilões representados pelo teatro melodramático têm “sua representação estereotipada [...]” (LUDWIG, 2012, p. 9). Como afirma a autora, no teatro a representação de um antagonista é bem mais próxima dos conceitos que conhecemos, sem muitas quebras de expectativas.

Ser um vilão é, acima de tudo, prender a atenção do leitor por seus atos que podem, ou não, corresponder às expectativas esperadas. “Possuir um mau caráter” pode não apenas

significar uma realização de maldades contra o protagonista que possui exatamente as qualidades que compensam a falta de sentimentos do vilão, o autor pode ir mais além e explanar outras qualidades dessas personagens.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Em *Otelo* vemos uma história se passar diante da inveja e da traição de Iago, o antagonista da peça. O vilão tenta encontrar uma maneira de contar para o senador de Veneza, Brabâncio, que sua filha Desdêmona tem relações íntimas com Otelo. Ele queria se vingar do mouro por ter promovido Cássio, um jovem soldado ao posto de tenente.

Percebemos o quanto Iago é malvado logo no primeiro ato da peça onde o mesmo já começa tramando com Rodrigo algo contra Otelo:

- Chama o pai dela; desperta-o; corre atrás do Mouro, põe-lhe veneno na alegria; o nome dele proclama pelas ruas, os parentes dela deixa excitados, e ainda que ele more em clima adorável, atormenta-o com praga de mosquitos. Muito embora sua alegria seja verdadeira, com tais contrariedades o persegue, que a cor a perder venha. (SHAKESPEARE, 2000, p.10)

O objetivo de Iago é destruir o protagonista a qualquer custo. Ele quer ver Othelo completamente abatido sem se importar com os sentimentos das outras pessoas. A maldade é puramente intencional, ou seja, os sentimentos de inveja e ciúmes o corrompem tornando-os uma pessoa impiedosa.

O tempo todo, os planos arquitetados pelo alferes em acabar com a vida do mouro são postos em prática. A tentativa de separar Desdêmona de Othelo é o que move o vilão desde o início até o trágico desfecho. O ponto de concentração dele é a desunião do casal protagonista. Como vemos no seguinte discurso entre Rodrigo e Iago, onde há a tentativa de convencê-lo de que a esposa de Otelo é uma mulher é infiel:

Vai logo encontrar-me no porto. Aproxima-te. Se fores um rapaz valente, sendo verdade, como dizem, que as pessoas de baixa extração, quando apaixonadas revelam mais nobreza do que seria de se esperar de sua natureza: escuta-me. Hoje à noite o tenente ficará de vigia no corpo da guarda. Para começar, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está apaixonada por ele.

RODRIGO – Por ele? Não é possível. (SHAKESPEARE, 2000, p. 53)

As mentiras e as armações de Iago vão além de um simples plano para acabar um romance, ele pretende deixar seu rival no nível mais baixo que conseguir e apenas terá sossego quando vir seu inimigo perder tudo o que conquistou. Para Polidório (2011, p. 464) “Iago compõe um rol de personagens intrigantes, intensos, únicos.” Ou seja, a complexidade dele é muito grande: fingir-se de mocinho, porém esconder sua verdadeira face envolve o leitor em um cenário de completa ansiedade em torno dos personagens. Ainda de acordo com o referido autor “Elaborá-lo pode ser comparado à montagem de uma máquina, onde todas as peças são colocadas de uma maneira a garantir seu funcionamento.” (idem, 2011). A grande beleza da figura de Iago são suas inúmeras faces ao longo da peça, isso constitui uma “máscara social” que chama a atenção pelo modo como é posta ao longo dos atos e das cenas. Talvez o ponto onde o vilão mais se destaca é quando ele utiliza o lenço branco de Desdêmona como prova da infidelidade da jovem esposa. Temos então um clima de grande tensão entre os personagens e é esse elemento, o lenço branco, que leva a peça ao seu final trágico. “O lenço branco é a 'prova' da traição” (idem, 2011).

Devemos também observar que todo o enredo da peça é propício para que o poder de convencimento de Iago surta efeito sobre as personagens. A própria personalidade de Othelo é muito suscetível e tornam o protagonista vulnerável ao total domínio do vilão. O mouro sente-se completamente apaixonado por Desdêmona, o problema é que as mentiras de Iago tornam-no cego e tomado pela cólera, fazendo-o esquecer de que ao apaixonar-se por ele ela havia sido totalmente contra a decisão de sua própria família para que o casal pudesse ficar junto. Como podemos observar na próxima fala, Iago é um bom argumentador e articulador, o que leva Othelo a acreditar em suas palavras:

Isso me alegra, porque me enseja base suficiente para provar-vos com mais franco espírito a afeição e lealdade que vos voto. Assim, já que o dever a isso me obriga, sincero vou falar, mas não de provas, por enquanto. Vigiai vossa consorte; observai bem como ela e Cássio falam; lançai-lhe olhar assim, nem enciumado nem, confiante demais. Não desejava que vossa

natureza leal e nobre vítima viesse a ser por causa, apenas, da generosidade que lhe é própria. Vigiai-os bem. Conheço minha terra; em Veneza as mulheres não se correm de confessar ao céu as leviandades que ocultam dos maridos. Para todas a virtude consiste apenas nisto: não deixes de fazer, mas em segredo. (SHAKESPEARE, 2000, p. 92)

O discurso de Iago ao tentar provar que a esposa de Otelo é infiel é muito esclarecedor e consequentemente faz com que o protagonista, mesmo sem acreditar, reflita e acate aos pensamentos dele. Isto comprova o que já mencionamos antes: Os personagens apresentam fragilidades que permitem ao vilão arquitetar todos os seus planos em cima dessas fraquezas. Então, Iago é apenas um mero “proveitador” dos momentos de fraqueza oportunos que todas as pessoas estão sujeitas ao longo de suas vidas. Ele brinca com os sentimentos e não se importa com as consequências ou com o “efeito *boomerang*” que seus atos podem causar voltando para ele mesmo.

O trágico fim de Othelo e de sua consorte, por ele assassinada, denota que a maldade do vilão foi tanta que conseguiu provocar a destruição por completo dos personagens principais. Quando o mouro em seu último discurso afirma que nos relatos falem dele como ele realmente é, nos mostra que ele tem medo das pessoas futuramente pensarem que ele havia sido um tirano que matou a própria esposa. Ou seja, Iago conseguiu atormentar tanto a vida de Othelo, que até mesmo o futuro do mouro está comprometido.

A esposa do protagonista de *Macbeth* é cheia de mistérios e possui uma personalidade forte. Ela é a responsável por levar o marido a cometer diversos delitos durante a peça. A personagem acredita que seu esposo é uma pessoa fraca e sem coragem e por isso fica o tempo todo “sugerindo” quais deverão ser as ações do marido para determinados problemas.

Lady Macbeth parece não ter medo, assim como Iago. No entanto percebemos que ela age com mais cautela e precaução, tanto é que se apóia no marido, que nesse caso serve como uma espécie de “realizador dos seus desejos”. Para Polidório (2011 p. 465) “Lady Macbeth deseja ser má. É ela que no início da tragédia, impulsiona Macbeth para cometer o regicídio, e ainda o ajuda”.

LADY MACBETH: Falharmos? Bastará aparafusardes vossa coragem até o ponto máximo, para que não falhemos. Quando Duncan se puser a dormir – e a rude viagem de hoje o convidará para isso mesmo – ambos os camareiros de tal modo os dominarei com vinho, que a memória, essa guarda do cérebro, fumaça tão-somente será e o receptáculo da razão, alambique. E

quando os corpos nesse sono de porco se encontrarem, como se mortos fossem, que de coisas não faremos em Duncan indefeso, que culpas não imputaremos as esses servidores-esponjas, porque fiquem responsáveis por nosso grande crime? (SHAKESPEARE, 2000, p. 34-35)

A vilã demonstra total conhecimento do que estarão cometendo. Ela não apenas incentiva o marido a matar Duncan, mas também planeja todo um cenário para que saia ileso de toda essa situação. A maldade de Lady Macbeth, na verdade, é dotada de muita covardia, pois a personagem utiliza-se da fragilidade de outras pessoas para poder arquitetar seus planos maléficos. Para Polidório (2011, p. 466) “Esse egoísmo característico de Lady Macbeth, exclui até seu marido, Macbeth. Isso fica claro com o suicídio dela, tirando a própria vida, é como se ela confirmasse seu egocentrismo.”

Titus Andronicus é para muitos a peça mais sangrenta de William Shakespeare. A trama é, acima de tudo, uma história de vingança e de sofrimento onde o ódio é o sentimento predominante. É nessa peça que encontramos Aarão, o mouro, que surge como o mal quase perfeito, um conspirador de todas as vilanias, que consegue arquitetar as mais terríveis façanhas.

Tito é enganado por Aarão e é levado a cortar a própria mão em uma tentativa de salvar Quinto e Márcio, mesmo assim os filhos dele são decapitados. A partir daí, percebemos o quanto o personagem é cruel e não se incomoda com o sofrimento alheio.

AARÃO: Tito Andrônico, o imperador meu amo te manda dizer isto: se a teus filhos tens amor, que então Marco, Lúcio, ou mesmo tu, velho Tito, uma das mãos decepe e a envie para o rei, que ele, de volta, te mandará com vida teus dois filhos, sendo essa a multa pelos crimes deles.

TITO: Oh gracioso monarca! Aarão bondoso! Canta o corvo tal como cotovia, que da aurora nos traz feliz notícia? Alegre ao rei uma das mãos envio. Não queres auxiliar-me a decepá-la, bondoso Aarão? (SHAKESPEARE, 2000, p. 65)

Neste trecho vemos que Aarão tenta convencer Tito a decepar sua própria mão. Suas mentiras fazem com que o imperador acredite em suas palavras o levando a cometer essa terrível atitude na tentativa de rever seus filhos. O poder de convencimento do vilão é muito grande e demonstra o quanto ele estava determinado a seguir com seus planos maquiavélicos até o fim. Para Heliodora (2009, p. 24) “No Tito as coisas, em vez de ficar mais complexas e

significativas, ficam apenas mais complicadas e confusas, [...] o segredo de todo bom teatro.” O que realmente percebemos é que ao longo da peça o drama aumenta cada vez mais, o que faz com que cada novo ato seja ainda mais perturbador que o anterior.

Richard III é o tirânico e moralmente perturbado que ordena que seu próprio irmão mate duas crianças inocentes, pois elas seriam um obstáculo para seu ambicioso reino. Mais uma vez o egoísmo e a inveja se sobressaem. Ricardo faz de tudo para conseguir aquilo que deseja, mesmo que isso custe a vida de pessoas inocentes. É o que afirma Maquiavel:

Vê-se, de fato, que, quanto a atingir os objetivos comuns a todos (a saber, a glória e as riquezas), vários caminhos são seguidos: um emprega a cautela, outro, o ímpeto; outro ainda a violência, a astúcia; a paciência; outro a impaciência. E todos podem atingir os seus objetivos seguindo caminhos diferentes. (Maquiavel, 2003, p. 138 apud POLIDÓRIO, 2011, p. 463)

Para o autor, vários sentimentos podem levar o ser humano a cometer diversos atos covardes, injustificáveis ou desumanos quando se trata de alcançar determinados objetivos, principalmente quando a ascensão ao poder é o foco principal. Ricardo tinha em mente atingir patamares cada vez maiores e para isso era capaz de tudo. Como podemos notar nesse trecho em que Ricardo dá ordens de execução:

RICARDO: Bem pensado. Tenho-a aqui. Quando tiverdes concluído, ide a Crosby Place. Mais, senhores, sede lesto na execução. E sem remissão, não deis ouvidos a suas preces, porque Clarence tem boas falas e talvez possa mover a piedade vossos corações, se lhe prestardes atenção. (SHAKESPEARE, 2000, p. 49)

O rei, assim como muitos vilões shakespearianos, é do tipo de vilão covarde que apenas comete seus atos por meio de lacaios que cumprem suas ordens. É possível depreendermos que os vilões também possuem sentimento de medo. Assim, utilizam-se de subterfúgios para conseguirem atingir seus objetivos.

Na peça *King Lear* Edmundo, filho bastardo do conde Gloucester, faz o pai acreditar que está sendo traído pelo seu filho legítimo Edgar. Edgar então foge do reino, mandado pelo irmão, sem desconfiar das armações de Edmundo para ficar sozinho com a herança do pai.

Novamente temos uma disputa por poderes onde o vilão trama um modo de chegar ao topo enganando a todos por meio de mentiras, traições e covardia. Edmundo não fica fora desse parâmetro, ele é um exímio charlatão: “EDMUNDO: Nunca, milorde; mas por várias vezes já o ouvi asseverar que quando os filhos atingem a idade adulta e os pais começam a declinar, o pai deveria tornar-se como que pupilo do filho, ficando seus bens sob a direção deste.” (SHAKESPEARE, 2000, p. 26) Claramente percebemos a intenção do personagem em convencer Gloucester a mudar de opinião sobre seu filho. Logo, o vilão e seu poder de convencimento é bem representado na figura de Edmundo.

Podemos dizer que o teatro shakespeariano é repleto de singularidades e características ímpares quando se trata de possibilidades. Todas as peças do escritor abordam temáticas envolventes e com desfechos que comprovam a genialidade de Shakespeare.

5 CONCLUSÃO

Na literatura, os vilões são pilares que sustentam o bom enredo de uma obra. Nas peças de Shakespeare encontramos os mais curiosos, traiçoeiros e maldosos antagonistas que uma peça poderia ter. As diferentes temáticas levam cada vilão a ser constituído de particularidades comuns a muitas pessoas, porém, nas obras, esses sentimentos são mais acentuados. A maldade é um sentimento comum a todos nós, ou seja, toda a espécie humana está apta a cometer coisas más. No entanto, o despertar desses sentimentos depende bastante do contexto em que o vilão está inserido. Shakespeare mostra que a riqueza, a paixão, o desejo de ser superior e a ganância podem acarretar em tornar a alma do ser humano destrutiva, vingativa e maliciosa.

A inveja e a cobiça são muito frequentes nas obras abordadas: os personagens Iago, Ricardo, Lady Macbeth, Aarão e Edmundo, todos eles, desejam obter riquezas para si próprios levando-os a cometer todo e qualquer tipo de armadilha traiçoeira para atingirem os seus objetivos. Além disso, percebemos que todos os vilões são covardes, pois precisam, quase sempre, de agentes intermediários para realizarem suas tarefas e sempre se valem de lacaios, servos e/ou outras pessoas que são mais facilmente dominadas para chegarem ao topo.

Podemos até odiar os vilões, mas não temos como fugir deles. Eles estão por toda parte: nas novelas d TV, nos filmes, nos livros, nos desenhos, na vida real. Eles formam um grupo de malfeitores prontos para estragar a vida dos mocinhos. Shakespeare usa seus vilões como porta-vozes do indizível. Aliás, eles são na maioria das vezes os únicos personagens lúcidos das suas peças, os únicos que não alimentam qualquer ilusão sobre seus desejos nem os dos outros. Edmundo, o bastardo de *King Lear*, profere um célebre discurso sobre a vaidade humana ao atribuir a maldade do homem à influência dos astros e à intervenção das forças do além. Não fica explicado o motivo que leva Iago a toda a depravação exibida em *Othello*, mas ele tem prazer em fazer o mal da mesma forma que Aarão em *Titus Andronicus*. O maior bandido de todos é Ricardo III, cuja maldade torna-se ainda mais moderna porque envolve também a reflexão sobre o poder e os atos monstruosos que ele induz o cobiçoso a praticar.

Quando conseguem escapar da chacina do final das peças, seus personagens parecem crescer e reaparecer modificados – exceto Edmundo, que se arrepende ao ver que é amado por duas mulheres. Vale salientar que isso não vale para os demais vilões, muito embora eles sigam um padrão evolutivo que é bastante *clichê* - em primeiro lugar eles anunciam as razões de sua maldade: Iago é injustiçado na carreira militar; Edmundo é fruto de uma união ilegítima; Ricardo III é vítima de uma malformação congênita; Aarão sofre discriminação racial; Lady Macbeth planeja um crime por amor ao marido. Nota-se que no final das peças, quando já não tem mais espaço para tantos mortos em cena, eles são devidamente punidos e a ordem se restabelece.

Finalizando, podemos dizer que os vilões de Shakespeare são também inteligentes e audazes. Para eles o conhecimento dos homens transforma-se num princípio do mal, em instrumento que permite manipular os homens e isto gera um obstáculo psicológico, pois vem do desprezo que eles sentem pelos seres humanos. Ao negarem a existência e o poder das virtudes dos outros o resultado disso é o desprezo, o ódio, o desequilíbrio, a maldade e o isolamento. Após analisarmos estas obras chegamos à conclusão de que em todos os vilões estudados há uma tendência a que os homens cometam atos horríveis para atingirem o poder.

REFERÊNCIAS:

BRADLEY, A. C. - **Shakespearean Tragedy: Lectures on Hamlet, Othello, King Lear, Macbeth.** – London: Macmillan, 2005. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/16966/16966-h/16966-h.htm>> acesso em 10/10/2014

HELIODORA, B. – **Falando de Shakespeare.** – São Paulo: Perspectiva, 2009.

LUDWIG, P. F. – **Deparando-se com possibilidades entre o teatro e a literatura a partir de um estudo sobre o personagem-tipo vilão.** – Santa Maria: UFSM, 2012.

NIETZSCHE, F. – **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** – tradução de Paulo César de Souza, - São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

POLIDÓRIO, V. – **O mal nos personagens Claudius, Iago, Lady Macbeth e Edmund.** – Londrina/PR: UNIOESTE editora, 2011

SHAKESPEARE, W. - **Tito Andrônico.** – Versão para E-book. São Paulo: Copyleft, 2000.

_____ - **Macbeth.** – Versão para E-book. São Paulo: Copyleft, 2000.

_____ - **Otelo.** - Versão para E-book. São Paulo: Copyleft, 2000.

_____ - **Rei Lear.** - Versão para E-book. São Paulo: Copyleft, 2000.

_____ - **Ricardo III.** - Versão para E-book. São Paulo: Copyleft, 2000.